

# Compreensões e relações: o coordenador pedagógico, os professores e o *ciberstalking*

Valdênia Rodrigues Fernandes Eleotério<sup>1</sup>  
Maria Cristina Lima Paniago<sup>2</sup>

**RESUMO:** este artigo traz como objetivo investigar as compreensões do coordenador pedagógico e dos professores e professoras dos anos finais do Ensino Fundamental sobre o conceito do *ciberstalking*, um fenômeno virtual que tem avançado de maneira vertiginosa na sociedade atual. Trata-se de um recorte da dissertação: *ciberstalking!*? E suas implicações no espaço escolar. A pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo. O lócus da investigação foi uma escola pública, da rede estadual de ensino, situada na região centro-oeste, do Brasil. Os participantes totalizam 5: o coordenador pedagógico, 1 professor e 3 professoras dos anos finais do Ensino Fundamental e os instrumentos utilizados para a produção dos dados foram: a entrevista semiestruturada, um aparelho celular para a gravação dos áudios, o questionário e o diário de bordo. Os dados da investigação revelaram que a maioria desses profissionais compreende o *ciberstalking* como um fenômeno social, um tipo de violência psicológica resultante da destreza dos jovens em utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para a cultura da superexposição da vida privada nas redes sociais, do espírito aventureiro, da ingenuidade típica da idade e da falta de educação digital.

**Palavras-Chave:** *Ciberstalking*; educação; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

## **UNDERSTANDINGS AND RELATIONSHIPS: THE PEDAGOGICAL COORDINATOR, TEACHERS AND CYBERSTALKING**

**ABSTRACT:** *This article aims to investigate the understandings of the pedagogical coordinator and teachers from the final years of Elementary School about the concept of cyberstalking, a virtual phenomenon that has been advancing rapidly in today's society. This is an excerpt from the dissertation: Cyberstalking !? And its implications in the school environment. The research is qualitative, bibliographical and field research. The locus of the investigation was a public school, part of the state education network, located in the central-west region of Brazil. There were 5 participants in total: the pedagogical coordinator, 1 teacher and 3 teachers from the final years of Elementary School. The instruments used to produce the data were: a semi-structured interview, a cell phone for recording audios, a questionnaire and a logbook. The research data revealed that most of these professionals understand cyberstalking as a social phenomenon, a type of psychological violence resulting from young people's ability to use Information and Communication Technologies (ICT) to foster a culture of overexposure of private life on social networks, their adventurous spirit, the typical naivety of their age and the lack of digital education.*

**Keywords:** *Cyberstalking ; education ; Information and Communication Technology (ICT)*

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB). valdeniaeleoterioufms@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Católica Dom Bosco cristina@ucdb.br

## **ENTENDIMIENTOS Y RELACIONES: EL COORDINADOR PEDAGÓGICO, LOS PROFESORES Y EL CIBERSTALKING**

**RESUMEN:** *este artículo tiene como objetivo investigar las comprensiones del coordinador pedagógico y profesores de últimos cursos de Educación Primaria sobre el concepto de ciberacoso, un fenómeno virtual que ha avanzado rápidamente en la sociedad actual. Este es un extracto de la disertación: ¡ Ciberacoso !? Y sus implicaciones en el espacio escolar. La investigación es de naturaleza cualitativa, bibliográfica y de campo. El lugar de la investigación fue una escuela pública, parte de la red educativa estatal, ubicada en la región centro-oeste de Brasil. Los participantes fueron un total de 5: el coordinador pedagógico, 1 docente y 3 docentes de los últimos años de Educación Primaria y los instrumentos utilizados para producir los datos fueron: la entrevista semiestructurada, un celular para la grabación de los audios, el cuestionario y el diario. junta. Los datos de la investigación revelaron que la mayoría de estos profesionales entienden el ciberacoso como un fenómeno social, un tipo de violencia psicológica resultante de la destreza de los jóvenes en el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) para la cultura de sobreexposición de la vida privada en las redes sociales. espíritu aventurero, la ingenuidad propia de la época y la falta de educación digital.*

**Palabras-clave:** *Ciberacoso; educación; Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC).*

### **Introdução**

Com a popularização da internet e a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pelo homem são incontáveis os benefícios que foram proporcionados por vivermos em uma sociedade conectada em rede e como todas essas transformações facilitam o dia a dia favorecendo as interações humanas, o trabalho e a produção de novos conhecimentos no espaço físico e virtual, também chamado de ciberespaço (Lévy, 1999).

Imersos na internet para realizarmos as mais diferentes atividades da vida cotidiana construímos coletivamente um novo modelo cultural a cibercultura, uma cultura participativa, universal, mutante, inacabada onde todos são convidados a contribuir com essa rede comunicacional de inteligência coletiva. Todos esses avanços fomentam as diferentes áreas do conhecimento inclusive a educacional, mas não impedem que ao mesmo tempo em que sejamos beneficiados também entremos em conflitos, tensões (Lévy, 1999).

Esses conflitos podem ocorrer quando decidimos utilizar artefatos tecnológicos ricos em possibilidades para a produção do conhecimento, como a internet, para satisfazer impulsos irracionais onde submeter o outro a constrangimentos, pressões psicológicas e perseguições pode ser considerado um delírio utópico de pensar erroneamente que na sociedade da informação e comunicação a liberdade de acesso e a conexão em rede nos deem o direito de invadir a vida privada do outro.

Pesquisas sobre o *ciberstalking* apontam que a superexposição da vida privada na rede abre espaço para a vigilância equivocada da conduta humana, do que é certo ou errado para os

determinados padrões sociais já existentes, muitos casos de *ciberstalking* partem de concepções onde eu decido impor ao outro como ele tem que agir segundo os meus desejos, anseios, paixões, desilusões, expressando por meio dessa comunicação unilateral agressividade, violência, exercendo domínio.

O *ciberstalking* tem avançado de maneira célere na sociedade atual e investigar a compreensão docente é relevante uma vez que diversos autores e autoras, entre eles, Pereira e Mattos (2015), argumentam que a prática do *ciberstalking* acontece entre pessoas de diferentes faixas etárias, mas, que tem avançado consideravelmente entre adolescente em idade escolar. Os motivos vão desde a idealização ou rompimento de um relacionamento, conflitos que começam no espaço escolar ou outro espaço social por divergências de ideias, despreço à condição social, ao gênero, à raça, até uma simples brincadeira.

Diante do contexto apresentado, informamos que o objetivo da pesquisa é investigar a compreensão do coordenador pedagógico e dos professores e professoras dos anos finais do Ensino Fundamental sobre o conceito do *ciberstalking*.

A pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo. O lócus da investigação foi uma escola pública, da rede estadual de ensino, situada na região centro-oeste, do Brasil. Os participantes foram o coordenador pedagógico, 1 professor e 3 professoras dos anos finais do Ensino Fundamental. A entrevista semiestruturada, um aparelho celular para a gravação dos áudios, o questionário e o diário de bordo foram os instrumentos utilizados para a produção dos dados. A seguir apresentaremos o passo a passo no desenvolvimento da pesquisa.

## **1. Metodologia: caminhos percorridos na pesquisa**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo. Segundo Flick (2009, p. 16), uma das características dessa abordagem é que nela se “[...] usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudos, está interessada na perspectiva dos participantes em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo”.

Utilizamos como instrumentos para a produção dos dados a entrevista semiestruturada. Segundo Triviños (1987, p. 152), esse instrumento “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, o questionário para traçar o perfil sócio/profissional dos participantes, o diário de bordo onde por meio da escrita pude expressar minhas percepções sobre as interlocuções e um aparelho celular

para gravar as entrevistas, essas atividades foram desenvolvidas no mês de maio do ano de 2020.

A seleção dos sujeitos ocorreu de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a formação inicial pertencer às áreas de conhecimentos de ciências exatas, humanas e linguagens, ser professor dos anos finais do ensino fundamental e ter respondido ao questionário disponibilizado por nós.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam uma cópia do documento. Dos cinco participantes, dois são do sexo masculino e três do sexo feminino, a idade média varia entre 30 e 50 anos e o tempo de atuação desses profissionais está entre 4 e 20 anos. Os professores têm formação inicial em biologia, história, letras (português/inglês) e educação física, quatro docentes possuem pós-graduação *lato e/ou stricto sensu*.

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, é uma escola da rede estadual de ensino, situada em um município da região centro-oeste, do Brasil que é autodenominada pela atual gestão (2020-2024), como tradicional por ser uma das instituições pioneiras no município na oferta do Ensino Fundamental.

Informamos ainda, que este artigo é um recorte da pesquisa: *ciberstalking*<sup>1</sup>? E suas implicações no espaço escolar, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade católica Dom Bosco (CEP/UCDB) e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A seguir dialogaremos sobre o *ciberstalking*.

## **2. *Ciberstalking*: conceito, dinâmicas e estratégias do *stalker***

Nenhum usuário da rede está livre de em algum momento da vida ser uma vítima do *ciberstalking*: “[...] a prática de perseguir, assediar e molestar de forma intermitente e continua uma pessoa através da internet” (Reno,1999, p. 56). até que possa compreender o que de fato está acontecendo, as implicações negativas na vida social, familiar e afetiva podem tomar uma proporção assustadora.

Segundo Pinheiro (2016, p. 88), “[...] a internet abre um mar de possibilidades para um *stalker*<sup>3</sup>, haverá, portanto, tendência para que o fenômeno abrace este novo contexto de incidência”, pois o *stalker* é um inimigo *on line* perspicaz. Segundo Finn (2004), algumas de suas estratégias de atuação são:

---

<sup>3</sup> Pessoa que pratica o *ciberstalking* (Reno, 1999).

- Envio repetido de *email* ou mensagens instantâneas que podem ou não ameaçar o destinatário;
- Encher a caixa de *email* da vítima com mensagens indesejadas, enviando arquivos com vírus;
- Usar o endereço de *email* da vítima para inscrevê-la em vários sites ou comprar livros, revistas ou outros serviços em seu nome; enviando desinformação e mensagens falsas pra redes sociais, site de namoro de namoro ou local de trabalho;
- Roubar a identidade *on line* da pessoa para postar informações falsas, enviando o endereço da vítima, imagens de orientação sexual ou pornográficas;
- Buscar copilar várias informações que uma vítima possa ter postado em redes sociais com a intenção de localizar informações pessoais e usar estas informações para assediar, ameaçar e intimidar a vítima, seja *on line* ou no mundo real. (Finn, 2004, p. 469).

Estamos vivendo uma era de avanços nas diferentes áreas de conhecimento, mas, também de intolerância onde a violência física, verbal, racial e de gênero, que sempre existiu se intensificou com o uso da internet. Invadir a privacidade, perseguir, intimidar e acuar são algumas das características do *ciberstalking*.

De acordo com Pinheiro (2016), o uso coletivo dos artefatos tecnológicos nas escolas, o compartilhamento do número de telefones em grupos no *WhatsApp* e de *email*, são práticas que levam os alunos a uma certa exposição que na maioria das vezes facilita a prática do fenômeno, geralmente cometido por pessoas conhecidas que podem estar cotidianamente ao lado da vítima.

Diante do contexto, a utilização das TIC pelos jovens para estudar, pesquisar, se relacionar ou para a prática de fenômenos como o *ciberstalking*, traz novos desafios à formação, à atuação do professor em sala de aula. Diante de tantos compromissos pedagógicos e conflitos que surgem cotidianamente no espaço escolar, há momentos em que os docentes se sentem impotentes e, ao contrário do que possa parecer, não intervêm por medo ou omissão, em alguns casos, não sabem como agir.

Demonstrar essa fragilidade não coloca o docente em uma posição desfavorável ao aluno, aos desafios presentes no espaço escolar, pois é humano aceitar que não sabemos tudo, nem precisamos, mas todos os dias somos convidados a aprender. A seguir apresentaremos o resultado das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa.

### 3. Resultados e discussões

Segundo pesquisas científicas na área educacional, com o advento da internet e a democratização do acesso às TIC, as pessoas de maneira global estão cada vez mais interligadas, conectadas, dessas interações emergem fenômenos da cibercultura como o *ciberstalking*, um fenômeno praticado segundo pesquisas científicas por sujeitos das mais variadas classes sociais, gêneros, idades, porém sua prática tem avançado consideravelmente entre adolescentes.

Por entender, que no espaço escolar se faz presente uma parcela significativa dessa juventude antenada, destemida, conectada em rede e que “[...] o contexto educacional está imerso em diferentes interesses e valores, muitas vezes contraditórios, e os professores precisam ter condições de realizar análises críticas dentro desse cenário” (Almeida, 2019, p. 37), que trazemos como objetivo: investigar a compreensão do coordenador pedagógico e dos professores e professoras dos anos finais do Ensino Fundamental sobre o conceito do *ciberstalking*. A professora Maria fala:

*Eu já li sobre o ciberstalking numa reportagem no site UOL, ele é um fenômeno dessa sociedade fruto da exposição exagerada da população na internet. O que nós escutamos também é que as pessoas ficam stalkeando o Facebook vendo, buscando o que as outras postaram, mas eu nunca vi acontecer dessa forma com alguém. (Maria).*

A professora Maria, relata que já teve acesso a informações sobre o *ciberstalking* em uma reportagem na plataforma da UOL (Empresa Brasileira de Produtos e Serviços de Internet). Ela compreende o *ciberstalking* como um fenômeno social resultante da cultura da superposição dos sujeitos contemporâneos na rede. Segundo a docente, os sujeitos têm utilizado como estratégia, na atualidade, suas contas nas redes sociais como o *facebook* para acompanhar a vida de outras pessoas. Que é do seu conhecimento a ação de *stalkear*, mas não associada à prática de perseguição virtual.

A democratização da informação por meio da internet permitiu que os sujeitos se organizassem em torno de interesses comuns e as redes sociais surgem desses movimentos colaborativos. Segundo Torres (2009, p. 113), as redes sociais são “[...] sites ou recursos que permitem a interação e troca de informações entre pessoas, ou melhor, das redes de pessoas formadas por meio dos recursos dos sites que participam”.

Nos últimos anos, presenciamos a propagação de várias redes sociais, *Facebook*, *Twitter*, *Snapchat* e *Tik tok*, dentre outras que são utilizadas por milhares de pessoas diariamente

como espaço de socialização, entretenimento, trabalho e formação. O *Facebook* citado pela professora Maria consiste em “um dos maiores repositórios de fotografias [...], nesse universo *on line* as imagens vão dando [...] forma aos nossos modos de imaginar, produzir, conceber e ser” (Melo, 2002, p. 60). E, também vão nos expondo.

A prática da publicação simultânea de imagens do cotidiano da vida privada em diferentes redes sociais tem se intensificado entre os sujeitos de todas as faixas etárias nos últimos dez anos. Postam-se imagens do interior da casa no café da manhã, a saída e chegada à escola, na academia, no trabalho e no *shopping* com os amigos. Sibília (2008), fala que nessa sociedade prevalece o imperativo da visibilidade, que é a necessidade de expor a vida privada na internet, ou seja, só existe no ciberespaço quem é visto.

De acordo com Sibília (2008), essa necessidade exagerada de exposição vem para suprir a falta de comunicação pessoal. Nesse intuito, as pessoas vão postando imagens, pensamentos e ideias que expressam sua personalidade, individualidade, como elas são fisicamente, o que fazem, o que pensam com a intenção que outros usuários se identifiquem abrindo caminho para novas relações.

Imersos na cultura da superexposição, sem perceber as pessoas de todas as faixas etárias, inclusive a juventude, passa a quem tiver acesso a suas redes sociais um roteiro de informações pessoais que favorece a ação de criminosos, pedófilos e *stalkers* e “estas novas redes sociais dão total abertura para a divulgação das mesmas” (Carvalho et al., 2017, p. 20). Já o professor Ismael (2020), diz:

*O termo ciberstalking eu ainda não tinha ouvido falar, mas, stalkear sim, na universidade no curso de letras português/inglês o professor comentou sobre ir ao perfil da pessoa no Facebook e fazer análise saber como ela é. Ele comentou que fora do Brasil essa prática é comum e é utilizada por influencers para saber o que você gosta, o que não gosta, o que você curti, o que não curti com a finalidade de oferecer algum produto. Agora em relação a esse tipo de perseguição que essas pessoas fazem, eu nunca tinha ouvido falar (Ismael).*

O professor Ismael fala que já tinha obtido informações no espaço acadêmico sobre ação de *stalkear*, mas, para fins comerciais. Na sociedade capitalista, as TIC têm servido principalmente aos interesses, objetivos e ambição de expansão de diversas empresas pela quebra de barreiras físicas. Com relação à prática de *stalkear* como meio de perseguição para a manipulação e intimidação *on line*, a ele era indiferente.

Cada ser humano possui construção histórica e cultural distinta. Durante as suas vivências, nas interações sociais, vão despertando interesses diferentes por arte, profissão,

relacionamentos, educação, lazer e política dentre outros. Baseados nesses gostos e aptidões empresas de comunicação, prestação de serviços e venda de produtos diversos optam como estratégia *stalkear* o perfil das pessoas nas redes sociais para ter embasamento de suas preferências para futuras ofertas de produtos e serviços.

Entretanto, ressaltamos que as estratégias utilizadas para fins comerciais são as mesmas usadas pelo agressor; “buscar ou copilar várias informações que uma vítima possa ter postado em redes sociais com a intenção de localizar informações pessoais e usar estas informações para assediar, ameaçar e intimidar a vítima, seja *on line* ou no mundo real” (Finn, 2004, p. 469). Com relação ao *ciberstalking* a professora Leila fala:

*Já ouvi a palavra soando em alguns espaços (noticiário, roda de conversa). Compreendo como uma forma de coação e manipulação de pessoas frágeis por pessoas que não aceitam ser rejeitadas ou a quebra de um relacionamento afetivo ou amizade com a vítima. Entendo que o stalker tem um objetivo claro de vencer pela insistência e pressão psicológica de forma a desestabilizar a vítima. Percebe-se que ao ser perseguida a vítima acaba por desenvolver um sentimento de impotência e medo do desconhecido, desencadeando diversos problemas psicológicos e emocionais (Leila).*

A professora Leila, teve acesso ao objeto de pesquisa pelos mais diferentes meios de comunicação. Para a docente, o *ciberstalking* consiste no ato de intimidar, ameaçar a vítima tendo como objetivo exercer controle sobre suas ações. Segundo a professora, o *ciberstalking* é praticado por pessoas que possuem dificuldades de aceitar a negação e/ou a ruptura de relação entre amigos e/ou parceiros amorosos.

A fala da professora Leila, vai ao encontro com a de Spitzberg e Hoobler (2002, p. 69), quando dizem que: “a maioria dos casos de perseguição evolui de relacionamentos anteriores em que uma das partes está realizando esforços para restabelecer intimidade ou vingança exigente por ter a intimidade removida de suas vidas”.

Sobre a compreensão do fenômeno *ciberstalking*, a professora Leila fala que ao aceitar participar da pesquisa se sentiu provocada e foi pesquisar sobre o assunto na internet: “*o novo assusta, porém eu estava disposta a aprender, acredito que de alguma forma todos nós compreendemos o quão assustador é ser perseguido em qualquer espaço*” (Leila).

O diálogo entre homens que têm como bem comum o saber agir só será estabelecido se tivermos a humildade de aceitarmos as contribuições do outro sem temer, sem definir com a possibilidade da superação do velho. Isto não significa descartar os conhecimentos já existentes, mas nos apropriarmos daquilo que nos serve para seguir adiante (Freire, 1975).



Outra consideração da professora Leila é que a vítima de *ciberstalking* é geralmente uma pessoa frágil, isso não é um imperativo. Segundos as pesquisas analisadas, não é que todas as vítimas são frágeis, elas se tornam frágeis e inseguras pela perseguição que sofrem cotidianamente “[...] dado que os perseguidores se valem de tais táticas múltiplas de intrusão e invasão por períodos tão duradouros, que tal invasão terá impactos significativos em suas vítimas” (Spitzberg; Hoobler, 2002, p. 69).

Já a professora Daenerys fala:

*Esse termo sobre os stalkers eu já tinha ouvido falar pela internet no portal UOL e pelo Instagram que é a rede social que eu utilizo onde o noticiário falava de pessoas que ficam de certa forma cercando, querendo saber tudo da vida de outras pessoas. Depois umas amigas da pós-graduação falaram: gente vocês precisam assistir a série You na Netflix!’. Meu filho assistiu e comentou: nossa! têm pessoas muito doentes, fazem de tudo para saber e controlar a vida do outro. [...] Esse termo é americanizado, mas, eu entendo que tudo se dá pelas relações sociais, pelo excesso de exposição que as pessoas fazem de sua vida privada sem fazer o devido filtro para o conteúdo ser visualizado somente por quem lhe conhece (Daenerys).*

As considerações da professora Daenerys, demonstram que o *ciberstalking* já é uma realidade no Brasil e que o debate sobre o fenômeno vem acontecendo nos mais diferentes espaços sociais, acadêmico, familiar, jurídico, educacional, de diferentes formas, reportagens em sites e na televisão por meio da exibição séries dentre outros.

Para Daenerys, a prática do *ciberstalking* é o resultado negativo da cultura da superexposição da vida privada nas redes sociais sem as devidas configurações de segurança disponibilizada pelas plataformas. Segundo Spitzberg e Hoobler (2002), quanto mais uma pessoa se expõe e permite que anônimos tenham acesso a suas publicações de atividades rotineiras, maior o risco de sofrer perseguição.

Adicionar as configurações de privacidade dificulta a ação de estranhos, mas, não é um impeditivo se o *stalker* fizer parte do círculo de convivência social da vítima, esse é o alerta que a professora faz: “*temos que ter cuidado com pessoas aquelas que vimos duas ou três vezes e já nos consideram amiga daí lhe mandam convite e por educação você acaba aceitando*” (Daenerys).

Para a docente algumas pessoas acreditam que ao aceitar sua solicitação de amizade nas redes sociais: “*você lhe concede o poder de invasão, pessoas que fogem de sua própria realidade e escolhem sua vida para viver de alguma forma, isso é assustador*” (Daenerys).

Segundo Spitzberg e Hoobler (2002), uma parcela significativa de *stalkers* tende a praticar a perseguição com amigos, familiares e ex-parceiros afetivos. Já o coordenador Alto, diz:

*Confesso a você que eu não tinha conhecimento sobre a denominação ciberstalking. Nós sabemos que têm pessoas que perseguem à outra uma vez que ouve ou vê daí simpatiza e/ou não simpatiza e começa uma perseguição na rede, na vida. Um caso muito conhecido por mim é o daquela modelo Ana Hickmann que foi atacada por um homem e o cunhado conseguiu tomar a arma e o matou, foi uma perseguição que começou no espaço virtual e foi para o físico. Agora com sua pesquisa entendo que se tratava de um caso de ciberstalking (Alto).*

O coordenador pedagógico revela que não tinha conhecimento que a prática de perseguir outra pessoa no ciberespaço era denominada de *ciberstalking*. Para ele, alguns casos de perseguição começam nas interações da vida cotidiana que em muitos casos evoluem para as redes sociais.

Escolhemos para compor o texto da dissertação uma fala em que o coordenador Alto, reflete sobre o caso de *ciberstalking* vivido pela modelo, apresentadora de TV e empresária do ramo da moda Ana Hickmann. A nível mundial, a maioria dos artistas utiliza como estratégia para a divulgação de seu trabalho, a interação com os fãs e a geração de capital a criação de páginas em diferentes redes sociais.

Segundo Moreira et al. (2017, p. 110), “não há um encontro de corpos no ambiente virtual, mas de imagens, e essa prevalência do registro imaginário deixa exposta a imagem como constitutiva do eu, que sustenta a identificação imaginária”. Para os autores, a utilização das TIC permite que os sujeitos na atualidade reconstruam as formas de se relacionarem com o outro mesmo à distância.

Nessas interações vão utilizando as redes sociais como “[...] um espaço de digitalização da vida cotidiana, na verdade, na maioria das vezes sem regras, ao léu” (Santos, 2017, p. 26). Nesse sentido, Carvalho et al. (2017, p. 27), pontuam que as interações nas redes sociais ou comunidades virtuais nunca são puras porque elas são cercadas de sentimentos e atitudes intencionais onde “[...] os laços de uma comunidade estão sempre associados a estratégias, conflitos ou mesmo à violência”.

Nesse sentido, Paulo (nome fictício), um dos milhões de seguidores de Ana Hickmann, começou a despertar a preocupação da modelo, de seus familiares e amigos pelo comportamento obsessivo demonstrado por meio de mensagens insistentes, repetidas e agressivas enviadas para os diversos meios de comunicação que ela utilizava. Diante da recusa

de Ana Hickmann em responder suas mensagens e o que ele determinava a perseguição evoluiu do ciberespaço para o espaço físico.

Em maio do ano de 2016, na cidade de Belo Horizonte, o fã totalmente descontrolado invadiu o apartamento em que a modelo se hospedou com a família, com o intuito de fazer valer sua vontade e passou horas com uma arma apontada para a cabeça da modelo ameaçando tirar sua vida. Não conseguiu, foi morto antes. Para Spitzberg e Hoobler (2002, p. 68), “[...] com o aumento da comunicação interpessoal aumenta o potencial para a intrusão tornando a perseguição e intrusão relacional obsessiva”. Segundo Alves (2004):

É através da mixagem das linguagens oral, escrita e digital, bem como do próprio corpo, que muitos jovens comunicam os seus desejos, raivas e frustrações, o que, muitas vezes, se manifesta através de uma violência simbólica ou até mesmo concreta (Alves, 2004, p. 77).

Entretanto, associar a utilização das redes sociais somente à cultura da superexposição, à postagem de banalidades, à prática de fenômenos virtuais como o *ciberstalking*, onde a violência psicológica é uma de suas características, é um erro. As redes sociais também se constituem como espaços de construção de conhecimento, de compartilhamento e difusão de informações de interesses comuns para a sociedade como campanhas de vacinação, prevenção da dengue entre outras. As interações nas redes sociais “é um caminho sem volta, e como todo caminho, tem suas pedras” (Santos, 2017, p. 92).

Durante as entrevistas os professores demonstram bastante preocupação, se surpreenderam com os perigos implicados por meio da prática do *ciberstalking* e os transtornos cognitivos causados na vida da vítima. No diálogo ficou evidenciada a tensão, a preocupação com possíveis casos que podem estar acontecendo com os alunos da escola e devido à correria do dia a dia e o excesso de trabalho docente os casos estarem passando despercebidos.

*São vários os desafios enfrentados por nós todos os dias, mas, penso que o maior deles é formar os alunos para o respeito e a aceitação das diferenças para a convivência harmônica dentro e fora do espaço escolar. Procurar estratégias de frear o bullying praticado entre os adolescentes já é uma preocupação da escola, mas, o ciberstalking causa uma dimensão ainda maior de sofrimento. Algum aluno pode estar sofrendo com essa situação e o excesso de trabalho contribui impedindo-nos de enxergar isso é angustiante acredito que precisamos refletir melhor sobre tudo isso (Leila).*

Compartilhando do pensamento da professora Leila, o coordenador pedagógico afirmou algumas vezes durante a entrevista: “*precisamos de tempo para assimilar todas as informações que tivemos acesso durante o período que foi desenvolvido a pesquisa e quem sabe*

*utilizá-las para traçar estratégia para o espaço escolar*” (Alto). O envolvimento dos sujeitos que participaram da pesquisa aconteceu de forma contínua e aos poucos eles iam assimilando, refletindo, acomodando, socializando, contribuindo.

Demonstrando preocupação uma das professoras fala: *“é preciso pensar em formações continuadas com essas temáticas contemporâneas referentes ao uso das TIC, todos os dias somos surpreendidos no espaço escolar*” (Leila). Os vários fenômenos sociais, culturais e políticos resultantes da cultura digital trazem para a educação momentos de incertezas, nesse sentido os docentes anseiam por mudanças, mas, às vezes é difícil definir o caminho a seguir.

Em uma sociedade em constantes transformações sociais, a formação de professores assume o papel fundamental de ultrapassar a visão do ensino para a “[...] mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza” (Imbernón, 2000, P.15). De modo que possibilite, segundo Ghedin, Almeida e Leite (2008): “[...] ao profissional docente saber lidar com o processo formativo dos alunos em suas várias dimensões, além da cognitiva, englobando a dimensão afetiva, da educação dos sentidos, da estética, da ética e dos valores emocionais. (Ghedin; Almeida; Leite, 2008, p. 31).

As formações continuadas se forem planejadas de acordo com a realidade vivida no espaço escolar favorecem o trabalho docente, pois ao pensarem em suas práticas pedagógicas, os professores terão embasamento teórico-metodológico que lhes possibilitem transcender a visão conteudista do processo de ensino, formando o aluno na dimensão humana, social e política para o convívio em sociedade, para o exercício da cidadania.

Pensar na formação humana, crítica e reflexiva dos alunos em uma sociedade em que os conflitos presentes no espaço escolar agora evoluem para o ciberespaço é relevante, uma vez que a cultura da superexposição associada a esses conflitos pode gerar sérios problemas como a prática do *ciberstalking*. Analisando o contexto atual outra professora argumenta: *“é impressionante como os alunos postam tudo que fazem de forma sequenciada com hora, local e data. Eles não sabem os riscos que correm que podem estar colaborando com o agressor*” (Maria).

Demonstrando aparente preocupação a docente pontua:

*É preciso trabalhar melhor a educação digital, ensiná-los a questionar o uso das tecnologias, que não se pode percorrer qualquer caminho, os porquês das coisas, o valor, o respeito à vida humana como exercício da cidadania para*

*a convivência social, formar esses sujeitos para aprender a lidar com as diferenças, entender que as pessoas que possuem ideias contrárias as suas não são inimigas (Maria).*

Segundo a professora Maria, é preocupante a forma desprendida que a juventude navega no ciberespaço, construindo as próprias estratégias de maneira superficial. Para a docente, é fundamental conduzir a formação escolar dos alunos para a educação digital, ou seja, ensiná-los a aproveitar a hiperconectividade para desenvolver habilidades cognitivas que vão além da destreza em manusear computadores e *smartphones* tornando, as práticas de aprendizagem mais dinâmicas, favorecendo a transformação da informação que têm acesso em conhecimento.

Diante do contexto a professora Daenerys agumenta: *“o estreitamento dos laços de afetividade e o diálogo podem abrir espaço para a descoberta de casos de cyberstalking e/ou de outras problemáticas que os alunos possam estar vivenciando e poder ajudá-los de alguma forma”*. Concordamos com a professora e referenciamos o nosso pensamento em Siemens (2006), quando diz:

O artista da aprendizagem enxerga beleza no diálogo, na interação, nas conexões formadas entre o que é sabido e o que venha a ser sabido, ou seja, a necessidade de valorizar a beleza do incerto e a aprendizagem como um processo inacabado (Siemens, 2006, p. 108).

A sociedade da informação e comunicação induz os professores a um novo modo de pensar e fazer a educação porque “[...] somos constantemente mediatizados pelo mundo, aquele que nos afeta e que afetamos” (Paniago, 2016, p. 17). Não há como negar a imersão dos jovens nessa cultura digital, os diferentes usos que fazem por meio de seus artefatos tecnológicos, suas causas e efeitos. Nesse sentido, a professora Maria, diz:

*Eu vejo que os jovens hoje usam muito facilmente os recursos eletrônicos nas aulas, nas pesquisas, nas interações dos grupos de WhatsApp, na vida. Essa característica é diferente de qualquer outro tempo isso é bom para a formação. Por outro lado, me preocupa como eles utilizam as redes sociais e acabam colocando tudo que está acontecendo em suas vidas passo a passo; vai à esquina, tira a foto e posta que está lá. Um faz o outro vê e faz também. Claro que isso é um direito deles, mas, também abre portas para quem tem esse problema de estar investigando sabendo tudo que o outro faz para perseguir (Maria).*

Segundo a professora Maria, os jovens dessa sociedade se diferem das demais pela destreza que possuem ao utilizarem as TIC. Para a docente, essa característica favorece o processo de ensino/aprendizagem. A docente, ainda ressalta, que é preocupante como os alunos

na atualidade compartilham detalhes da vida cotidiana de forma sequenciada, cronológica nas redes sociais. Essa exposição influência e vira tendência entre os adolescentes, o espaço virtual torna-se um cenário de manifestações individuais abrindo caminho para que o *stalker* sinta-se à vontade para agir.

O *ciberstalking*, é praticado por um agressor sem rosto, que se utiliza da internet para a pesquisa, a invisibilidade, a persistência associada as dificuldades presentes que levem a sua descoberta e localização, todos esses fatores contribuem para a perpetração dos seus atos que podem ser realizados da sala de tecnologia da escola, da sala de aula com o uso do aparelho celular e/ou da comodidade do seu lar.

O *stalker* não dimensiona os prejuízos de ordem social, física e emocional causados na vida da vítima. A prática do *ciberstalking*, é um verdadeiro desafio ao monitoramento, a intervenção e atribuição legal de responsabilidades, por se sentir livre o agressor continua atuando. Certo é que ainda temos muito que avançar em termos de pesquisa com relação ao estudo desse fenômeno.

Franklin (2019, p. 142), cita que “a liberdade de expressão dentro dessas tecnologias permitiu a expansão de diversas questões, como o discurso de ódio, o *ciberbullying* e as *fake news*, mas também abriu portas para novos diálogos sobre questões coletivas antes vistas como individuais”. A relação homem máquina a cada novo avanço tecnológico gera muitas discussões dentro e fora do Brasil, nesse sentido o professor Ismael fala:

*Esse fenômeno, infelizmente, é um fenômeno da relação ser humano/máquina, no meu ponto de vista nós ainda não sabemos utilizar a máquina em si, os benefícios que ela traz para nossas vidas, as informações, esse mundo de opções, variedades que nos podemos analisar, pesquisar, buscar entender onde usar no trabalho, na escola, na vida. Nós não sabemos nos relacionar ainda um com o outro o ser humano tem essa dificuldade de relacionamento e aí a máquina entra e aparentemente ela ajuda, mas, nesses casos vemos que ela atrapalha, traz problemas se não for utilizada da maneira correta. Então eu vejo de forma negativa a utilização da mídia social, das redes sociais para essa finalidade a prática do ciberstalking. Nós dizemos que somos livres e no final das contas não somos ou qual é o ponto de estar livre e/ou estar preso? Posso posta uma foto da minha família no facebook, instagram, no twitter ou em outro lugar e não ter a dimensão se estou sendo stalkado por alguém e em qual momento isso vai me trazer algum problema. Infelizmente a gente tem que ser um pouco limitado com relação a interação nas mídias sociais (Ismael).*

Para o professor Ismael, o *ciberstalking*, é um fenômeno social que surge da relação superficial do homem com a máquina. Que ainda não compreendemos os inúmeros benefícios que a utilização das TIC traz para nossa vida se nos propusermos a analisar o universo de

informações a qual temos acesso e buscamos entender a melhor forma de aplicá-las para o nosso desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico.

Segundo Ismael, os sujeitos possuem dificuldades de se relacionarem uns com os outros no espaço físico, a máquina entra como um facilitador dessas relações no espaço virtual. Nesse contexto “as ações dos atores podem expor a necessidade de somar e construir um laço social ou enfraquecer e destruir outro laço [...], onde [...] cada ator agirá sem intermediário, quando quiser, sem filtro e hierarquia e em tempo real” (Carvalho et al., 2017, p. 24).

A busca pela interação no espaço virtual se dá também pelo “[...] o aprofundamento do sentimento de solidão dos indivíduos, que ressoam do afrouxamento das relações familiares desde a Revolução Industrial” (Carvalho et al., 2017, p. 24). Igualmente o autor informa que essa tomada de decisão abre sérios precedentes para a ciberviolência como a prática do *ciberstalking*.

O professor Ismael reflete que não temos como controlar o teor crítico, as análises que a pessoa que visualizou a foto em nosso perfil fará de nós, o que vai fazer com essas informações, que temos liberdade para utilizar as redes sociais como quisermos uma liberdade vigiada que a qualquer momento pode nos causar sérios problemas. Já o coordenador Alto diz:

*Muitos jovens não têm conhecimento, noção dos perigos existentes na internet eles entram em sites, perfis falsos, dão telefones, postam fotos de tudo que fazem, interagem com pessoas que não conhecem depois fica complicado para saírem dessa situação. A grande exposição começa deles vejo como uma fragilidade essa parte tecnológica onde na maioria das vezes os jovens são induzidos a cometer erros, o uso das tecnologias precisa ser trabalhado melhor, escola e família precisam caminhar juntas (Alto).*

O coordenador pedagógico, pontua que a superexposição nas redes sociais, associada ao espírito aventureiro típico dos jovens em desbravar espaços desconhecidos e fazer novas amizades pode levá-los a compartilharem informações pessoais que resguardam sua segurança. Família e escola precisam trabalhar em conjunto para que os jovens compreendam como utilizar as TIC com responsabilidade.

Na cibercultura “[...] as redes sociais permitem que as pessoas tenham uma ideia de integração mundial, repleta de sonhos, capacidade criativa para criação e compartilhamento de conteúdo e poder democrático” (Carvalho et al., 2017, p. 28). Essa sensação de pertencimento, de liberdade e segurança na visão do coordenador: “[...] podem ser fatores que influenciam esses sujeitos tanto a praticar o *ciberstalking* como vir a ser uma possível vítima. Também fico

*pensando que diversos alunos podem estar vivenciando essa problemática e nós pelo excesso de trabalho não percebemos” (Alto).*

Na atual sociedade com o avanço tecnológico tona-se essencial que o professor que lida cotidianamente com essa juventude seja “[...] um eterno pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais, que procura conhecer-se para definir seus caminhos, a cada instante. (Kenski, 2003, p. 90).

Para aprimorar o trabalho docente, o professor tem buscado cada vez mais participar de cursos de formação continuada, porém o professor se faz na prática cotidiana, tentando, criando, recriando, errando, acertando onde os saberes adquiridos pelas experiências pessoais e profissionais vão lhe constituindo. Compreendemos que “[...] muita coisa da profissão se aprende com a prática, pela experiência, tateando, descobrindo, em suma, no próprio trabalho” (Tardif, 2002, p. 86).

Nós enquanto professores não precisamos saber tudo, nem devemos nos colocar nessa posição de salvador dos problemas da humanidade, do mundo, mas, devemos estar abertos a novos diálogos, a novas aprendizagens de acordo com as demandas educacionais que vão surgindo. Nessa perspectiva “[...] podemos não saber exatamente e com precisão o porquê de alguma coisa, mas podemos enxergar ou ousar e sentir que nós mudamos, crescemos e nos desenvolvemos e é esta a magia da aprendizagem” (Siemens, 2006, p.21).

Segundo Freire (1975, p. 97-98), “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo [...], onde temos diferentes percepções dos acontecimentos, essas percepções são [...] impregnadas de anseios e dúvidas, de esperanças, que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo pragmático da educação”.

## **Conclusão**

As análises das interlocuções demonstraram que os docentes tiveram acesso ao objeto da pesquisa em diferentes meios de comunicação e espaços sociais, que esses profissionais já conheciam o conceito do *ciberstalking* e a partir do desenvolvimento da pesquisa sentiram-se instigados a buscar novas informações sobre o fenômeno.

Já o coordenador pedagógico manifestou na entrevista desconhecer o conceito do fenômeno, todavia com a continuidade do diálogo, ao entender seu significado, pondera que a



compreensão do fenômeno requer uma ação cognitiva intensa não sendo processada de forma imediata.

Nesse sentido, os dados da investigação revelaram que a maioria dos professores compreende o *ciberstalking* como um fenômeno social, um tipo de violência psicológica resultante da destreza dos jovens em utilizar as TIC para a cultura da superexposição da vida privada nas redes sociais, do espírito aventureiro, da ingenuidade típica da idade e da falta de educação digital.

Nesse sentido, acreditamos que a aplicação do conhecimento produzido será relevante para a compreensão conceitual e a conscientização social desse fenômeno tão complexo para além dos muros institucionais, fomentando o debate, visando a prevenção precoce de novos casos e a intervenção com mais segurança em casos já existentes. É essencial pensar a formação continuada docente que reverbere na formação escolar dessa juventude para o desenvolvimento pessoal, social, educacional de forma positiva.

## Referências

ALVES, Lynn Rosalina Gama. *Game over: jogos eletrônicos e violência*. Universidade Federal da Bahia. 2004. 178f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

ALMEIDA, Simone Jaqueline Ferreira de. *As tecnologias digitais na formação inicial: implicações na prática pedagógica dos professores*. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2019.

CARVALHO, Thatyane Gama et al. Elementos, finalidades e consequências da superexposição de usuários nas redes sociais. *Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com*. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 16-30, 2017.

FINN, J. Uma pesquisa de assédio online em um campus universitário. *Jornal de Violência Interpessoal*, v. 4, ed. 19, p. 468-483, abr, 2004.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte. Transtornos mentais nas redes sociais: da invisibilidade à superexposição. *Rev. Episteme Transversalis*. Volta Redonda, v.10, n.1, p.141-162, abr. 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria Isabel de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. *Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

MELO, Alexandre. *Globalização Cultural*. Lisboa: Quimera, 2002.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. KRAMER, Sônia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, out. 2007.

PANIAGO, M. C. L. *Educação na era digital: entrelaçamentos e aproximações*. Movimentos colaborativos em uma formação continuada de professores mediada pelo facebook: de grupo a comunidade de prática. / Maria Cristina Lima Paniago, Kátia de Godoi e Silva, (Org). Curitiba: CRV, p. 15-22, 2016.

PINHEIRO, L. O. *Cyberbullying e cyberstalking*. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho da Universidade do Minho, Portugal, 2016.

RENO, J. Relatório sobre *cyberstalking*: um novo desafio para a aplicação da lei e para a indenização. 1999. Disponível

em:<[http://www.clintonlibrary.gov/assets/storage/Research%20-%20Digital%20Library / ClintonAdminHistoryProject / 11-20 / Box% 2015 / 1225098-justiça-apêndice-b-vol-2-3-4.pdf](http://www.clintonlibrary.gov/assets/storage/Research%20-%20Digital%20Library%20AdminHistoryProject%2011-20%20Box%202015%201225098-justiça-apêndice-b-vol-2-3-4.pdf)>. Acesso em 04 out. 2018.

SANTOS, Ademar Alves dos. *Cyberbullying, mídia e educação à luz do pensamento complexo*. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-graduação, Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2017.

SIEMENS, George. *Knowing Knowledge*, 2006.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SPITZBERG, B. H.; HOOBLER, G. Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, v. 4, n.1, p. 67-88, 2002.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TORRES, C. *A bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar*. São Paulo: Novatec, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

PEREIRA, F.; MATOS, M. *Cyberstalking entre adolescentes: uma nova forma de assédio e perseguição? Psicologia, Saúde & Doenças*. Lisboa, v. 16, n. 1, p. 57-69, mar. 2015.

Recebido em: agosto de 2023.

Parecer em: setembro de 2023.

Publicado em: outubro de 2023.